

COMO LER O EVANGELHO SEM PERDER A FÉ

Há, nos evangelhos, um episódio bastante estranho. Escreve o evangelista S. Marcos que Jesus, saindo de Betânia a caminho de Jerusalém, “teve fome. E tendo visto de longe uma figueira com folhas, aproximou-se para ver se encontrava algum fruto, mas chegando lá não encontrou senão folhas. De facto não era a estação dos figos. E dirigindo-se à árvore disse: - que nunca mais ninguém coma os teus frutos” (Mc 11,12-14). E a árvore “secou desde a raiz” (Mc 11,20).

Este texto desorienta. Ou Jesus foi insensato ao procurar fruta fora da estação e a amaldiçoar uma árvore inocente, ou errou o evangelista que propositadamente sublinhou que não era a época dos frutos.

Este é só um dos muitos episódios que põe à prova a fé dos crentes e pode desorientar o não crente que tenta uma aproximação à leitura dos evangelhos.

Justamente se ensina que os evangelhos foram escritos para suscitar a fé em Jesus - o Homem-Deus - e, como escreve S. Paulo aos Romanos: “a fé depende da pregação e a pregação por sua vez é eficaz pela palavra de Cristo” (Rm 10,17).

Todavia os que se aproximam do evangelho lamentam que, muitas vezes, a leitura não só não suscita a fé como, de igual modo, se arrisca a colocá-la em crise. Episódios como o da maldição da figueira, são um desafio à lógica e ao bom senso.

A ajuda que normalmente nos é dada nestes casos é que “é preciso ter fé” para compreender e acreditar no que está escrito nos evangelhos e, como suporte para o “ter fé”, é utilizada a fórmula mágica que engloba tudo “é um mistério”!...

- Como é possível que Jesus tenha nascido duma mulher que se manteve virgem?... É um mistério!

- Como fez Jesus para ressuscitar o cadáver de Lázaro, morto há quatro dias e em avançado estado de decomposição?... É um mistério!

- E Jesus que caminha sobre as águas, tira a fome a cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes, transforma mais de seiscentos litros de água em vinho, como é possível?... É um mistério!

- Jesus morre e depois ressuscita, como é possível?... É um mistério!

E com um mistério atrás do outro, o ensinamento de Jesus fica preso numa série de mistérios - um mais incompreensível do que o outro - que violentam a razão e o bom senso: os mistérios da fé transformam-se em fé nos mistérios.

Tudo isto coloca, de facto, o não crente enredado num círculo vicioso: não consegue entender o ensinamento dos evangelhos porque não tem fé, mas esta só lhe pode vir do conhecimento do evangelho e, tem de se concordar, o impacto com os evangelhos não é muito encorajador!...

Não somente desde as primeiras linhas se tem a sensação de nos encontrarmos perante personagens que parecem ter saído dum livro de fábulas ou de contos mitológicos, com anjos, o diabo e os demónios, como até os próprios prodígios realizados por Jesus, narrados para transmitir a fé no Filho de Deus, suscitam inquietantes e legítimas interrogações.

Jesus curou, ao todo, aproximadamente doze leprosos e alguns cegos. Perguntamo-nos, então, por que não curou todos? E por que é que não cura hoje os doentes?

Ele, o único homem com poder para ressuscitar os mortos, fê-lo apenas com três: a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro!... E os outros? Não podia ressuscitar todos os mortos? É verdade que Jesus tinha garantido aos discípulos que, como ele, seriam capazes de “ressuscitar os mortos” (Mt 10,8), mas em dois mil anos de cristianismo, com tantos santos que houve, não se conhece nem sequer um único caso de um morto ressuscitado.

Os evangelhos narram que Jesus conseguiu tirar a fome a milhares de pessoas com “cinco pães e dois peixes” (Mc 14,17) e garantiu que quem acreditar nele realizará “obras ainda maiores” do que aquelas que ele levou a cabo (Jo 14,12). Tendo em conta que, depois de Jesus, ninguém mais conseguiu multiplicar pães nem peixes, quer dizer que em toda a história do cristianismo ninguém teve fé maior “do que um grão de mostarda” (Lc 17,5)?

Se as acções de Jesus, tal como se encontram nos evangelhos, provocam estupefacção, não menor é o mal estar provocado pelo ensinamento contido no chamado “sermão da montanha”. Tido como o mais importante dos discursos de Jesus, inicia com a desconcertante proclamação: “*Felizes os pobres em espírito*” (Mt 5,3). Verdadeiramente nunca nenhuma bem-aventurança foi tão temida e evitada: os que são pobres, logo que podem deixam de o ser sem nenhuma saudade do passado e sem se preocuparem

que Jesus tenha elevado a pobreza à dignidade de bem-aventurança. E os que não são pobres não compreendem por que deveriam sentir-se bem-aventurados indo juntar-se à multidão dos miseráveis deste mundo.

E se a acusação à religião, particularmente ao cristianismo, de ser “ópio dos povos”, encontrava exactamente nas bem-aventuranças a sua justificação, a injustiça dos ricos sempre mais ricos e dos pobres sempre mais pobres, encontrava justificação exactamente no ensinamento de Jesus que disse: “*Pois àquele que tem, será dado; e ao que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado*” (Mc 4,25)

Dos poucos exemplos citados pode ver-se como o bom senso se confronta continuamente com a incongruência presente nos evangelhos, levando-nos a perguntar se é possível uma aproximação aos textos sagrados nos quais, para além das indispensáveis luzes do Espírito Santo, se possa recorrer aos igualmente necessários argumentos da lógica e do bom senso.

A aproximação aos evangelhos pode efectuar-se através duma leitura que suscite a fé e não que a exija, para que sejam aceites, cegamente, episódios e mensagens aparentemente contrários à razão e ao bom senso?

O QUE SÃO OS EVANGELHOS

Para que isto seja possível é preciso saber o que é um evangelho e como se deve ler. A aproximação a um texto deve sempre ser feita tendo em conta o seu género literário. Uma coisa é uma poesia e outra a descrição duma multa. Quem lê um jornal desportivo não espera encontrar o estilo dum romance de amor.

Os evangelhos não se lêem como a história daquilo que Jesus disse e fez, porque os evangelistas não têm intenção de transmitir episódios históricos da sua vida e do seu ensinamento.

Os evangelhos não são *crónica* do que aconteceu na Palestina há dois mil anos, mas a profunda reflexão teológica das comunidades que acolheram e viveram a sua mensagem.

Para conhecer por inteiro esta mensagem, a Igreja precisou de quatro evangelhos, todos diferentes, porque cada um deles reflecte a diferente experiência da comunidade com a mesma referência ao único ensinamento de Jesus.

Do ponto de vista histórico não existe a certeza de um só gesto como realmente realizado por Jesus, nem de uma única palavra historicamente transmitida, exactamente como Jesus a pronunciou.

As ações e os ensinamentos do Senhor são, de facto, transmitidos de maneira diferente por cada evangelista.

Existem divergências quer quanto a aspectos insignificantes como o nome do avô de Jesus que, em Mateus, é *Jacob* (Mt 1,16), mas, em Lucas, é *Eli* (Lc 3,23) quer quanto aos aspectos mais significativos da vida e do ensinamento de Jesus.

Grandes diferenças entre um evangelho e outro que impedem de conhecer com certeza o que, historicamente, disse e fez Jesus, até mesmo nos aspectos considerados extremamente importantes na tradição cristã.

O episódio da “*última ceia*” de Jesus é narrado por três evangelistas (Mt, Mc, Lc), divergindo seja sobre as palavras pronunciadas por Jesus, relativas ao pão e ao vinho, seja sobre os gestos que as acompanharam. E Paulo, na 1ª carta aos Coríntios, dá ainda uma outra versão (1 Cor 11,23-25). Quatro versões diferentes que tornam difícil, senão impossível, a reconstrução histórica da última ceia.

Percorrendo os quatro evangelhos podem notar-se, do princípio até ao fim, estas diferenças:

- Número das bem-aventuranças: 8 em Mateus e 4 em Lucas. Pronunciadas sobre um monte segundo Mateus e na planície segundo Lucas.
- Jesus ensina uma oração: Pai Nosso. Qual é a fórmula exacta? A mais comprida, segundo Mateus, ou a breve, segundo Lucas?
- Jesus ressuscitado aparece logo aos discípulos, como reporta João, ou a aparição acontece alguns dias depois na Galileia, como escreve Mateus?

Todas estas diferenças são devidas ao facto de os evangelistas não se terem preocupado em transmitir com exatidão os acontecimentos históricos, mas a verdade de fé neles contida. A verdade é uma, a maneira de a formular é diferente como fazem Mateus e Lucas que abrem os seus evangelhos com uma mesma verdade apresentada através de situações e personagens diferentes!... A verdade que querem transmitir é que aqueles indivíduos excluídos pela religião e considerados longe de Deus, são, na realidade, os primeiros a descobrir a sua presença no meio da humanidade.

Isto é “o que” querem transmitir os evangelistas. As modalidades (como) são diferentes e se, em Mateus, os protagonistas no nascimento de Jesus são os magos vindos do oriente, no evangelho de Lucas são os pastores. Personagens diferentes mas unidos pela mesma realidade. São os indivíduos considerados mais afastados de Deus - os pagãos (magos) e os impuros (pastores).

A LINGUAGEM DOS EVANGELHOS

Depois de esclarecido o género literário do evangelho, é importante compreender o tipo de linguagem com que o mesmo foi escrito.

Problema cuja solução não é fácil, porque, normalmente, o leitor não tem a possibilidade de aceder ao texto na língua original e encontra-se perante a tradução dum texto transmitido há dois mil anos, escrito numa língua (grego bíblico) já morta e com imagens vindas duma cultura oriental muito diferente e, por vezes, contrária à ocidental.

IMAGENS

Para transmitir a “Boa Nova” de Jesus, os evangelistas utilizam mais as *imagens* do que os *conceitos*. Os evangelhos, embora sendo obra teológica, não são uma sequência fria de conceitos teológicos, mas de imagens vivas da vida.

Por isso, quando se lêem os evangelhos, é preciso distinguir entre o que é que o autor pretende comunicar e a forma como o exprime.

A mensagem que o evangelista transmite é a *Palavra de Deus* sempre actual no tempo. O modo de a apresentar pertence ao seu mundo cultural - uma cultura que privilegia a *imagem* mais do que o *conceito*.

No fim do evangelho de Marcos está escrito que o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao Céu e sentou-se à direita de Deus (Mc 16,19).

O que o evangelista quer dizer é que esse indivíduo, condenado à morte pelas superiores autoridades religiosas como sendo um blasfemo, possuía, na verdade, a própria condição divina.

Os fundamentos para expressar este conceito, são retirados por empréstimo da etiqueta real onde, à direita do trono do rei, se sentava o que era destinado a suceder-lhe e a exercer o mesmo poder.

Alguns exemplos extraídos da normal maneira de falar, podem ajudar a compreender esta distinção entre uma mensagem e o modo de a transmitir através de imagens. Para dizer que alguém “*se encontra em situação económica precária*”, pode-se utilizar de forma mais incisiva que “*está depenado*”. De igual forma, para dizer que alguém “*ficou muito surpreendido*” se utiliza a expressão “*caiu das nuvens*”. Um “*carácter bizarro*” pode ser definido como “*ter macaquinhos no sótão*” e, quando alguém é “*muito nervoso*”, significa que “*vai facilmente aos arames*”. De um atleta vencedor, é habitual dizer-se que “*foi bafejado pela sorte*”, etc.

Na nossa cultura estas imagens são usadas e compreendidas por todos. Todos sabem que são maneiras de dizer e ninguém interpreta como tendo caído das nuvens, tenha macacos em casa ou recebido benesses de não sei quem. Estas expressões, porém, lidas daqui a algumas centenas de anos, noutras culturas e na ausência de conhecimento adequado, correriam o risco de ser entendidas à letra. Se muitas das imagens utilizadas pelos evangelistas para transmitir a mensagem são bastante compreensivas, para outras é necessário fazer referência à cultura oriental.

Todos compreendem que não se deve tomar à letra convites como: “*se a tua vista direita for para ti origem de pecado, arranca-a e lança-a fora*” ou, então, o convite para “*se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de queda, corta-os e lança-os para longe de ti*” (Mt 5,29; 18,8-9). Isto, mesmo que um grande Padre da Igreja, Orígenes, quando tinha pouco mais de dezoito anos tomou à letra o convite de Jesus: “*há aqueles que se fizeram eunucos a si mesmos, por amor do Reino do Céu*” e se castrou. Quando mais tarde compreendeu o erro, já era tarde para voltar atrás.

Na linguagem do dia-a-dia, para expressar a teimosia de um indivíduo diz-se que é *surdo* a qualquer argumento; de uma pessoa de confiança se diz que é *mudo* como um peixe; dum obstinado dizemos que *não vê* e quem é irregular *manqueja*.

Igualmente *cegueira e surdez*, na Bíblia, são imagens utilizadas para indicar *obstinação* (Is 42,18-19) e, nos evangelhos, os *cegos* não são os *não videntes* mas os que não querem ou não podem *ver* o ideal de homem proposto por Jesus. Eis o motivo por que Jesus chama os fariseus *cegos e guias de cegos* (Mt 15,14).

A missão de Jesus, de *abrir os olhos* aos cegos, (Lc 4,18) não consiste em restituir a vista aos não videntes, mas dar a todos a possibilidade de ver o verdadeiro rosto do Pai e, conseqüentemente, a dignidade do homem chamado a ser *filho de Deus*. A actividade de Jesus é dirigida não tanto à materialidade das pessoas mas à sua interioridade.

Os evangelistas, descrevendo as curas realizadas por Jesus, não entendem apresentar um Jesus-pronto-socorro ambulante, mas a acção profunda do Senhor tendente a eliminar os obstáculos que impedem o acolher da sua mensagem.

Ao narrar estas acções, os evangelistas evitam a palavra grega que significa *milagre* e, em seu lugar, usam de preferência o termo *senal*. Nos evangelhos não existem milagres, *milagre*, mas *sinais* que Jesus realiza e que a comunidade dos crentes é convidada a continuar com propostas e acções que permitam aos homens alcançar a plenitude da condição humana que corresponde ao desígnio de Deus para cada homem.

Certas figuras utilizadas na cultura oriental, não se compreendem na ocidental e, por vezes, são diametralmente opostas: o *pato*, imagem de sabedoria na cultura hebraica (Ber 9,57), é sinónimo de estupidez no mundo ocidental.

No evangelho Jesus refere-se a Herodes como “*essa raposa*” (Lc 13,32). Este animal, que na cultura ocidental representa astúcia, era, no mundo semítico, considerado o animal mais insignificante: “*é melhor ser a cauda de um leão que a cabeça de uma raposa*” sentencia o talmud (P. Ab. 4,20; Ne 3,35). Jesus não considera Herodes esperto mas insignificante.

Na Bíblia existem expressões idiomáticas que não possuem o significado que, literalmente, parecem ter. “*Ungiste com óleo a minha cabeça*”, (Sl 23,5) é o equivalente a “*perfumar*”, e “*pôr as sandálias*” (Sl 60,10) a “*conquistar*”. Amontoar “*carvões em brasa sobre a sua cabeça*”, (Rm 12,20) não significa queimar alguém, mas “*envergonhá-lo*”.

Também os órgãos do corpo humano não têm o mesmo significado na cultura oriental e ocidental. Quando o salmista escreve que o senhor “*perscruta os rins*” dos homens, (Sl 7,10) não está a falar de uma ecografia. Os rins, na cultura hebraica, são a sede da consciência moral da “*mente*”.

Quando nas traduções não se tem em conta estes critérios, o texto torna-se incompreensível. No primeiro livro de Samuel está escrito de Nabal que “*Desfaleceu-lhe o coração dentro do peito e ficou como pedra. Dez dias depois, ferido pelo Senhor, Nabal morreu*”. Fica claro que o *coração* não é

o músculo cardíaco, mas a capacidade intelectual do indivíduo. Por isso, na cultura hebraica, o “*duro de coração*” não é o cruel, mas o “*teimoso*”.

Para o leitor comum que não conhece as expressões hebraicas, o convite dirigido por David ao seu oficial Urias é incompreensível: “Desce à tua casa e lava os teus pés” (2 Sm 11,8). “*Lavar os pés*” é um eufemismo para dizer “*dormir com a mulher*” (2 Sm 11,11). David que, “*na época em que os reis saem para a guerra*” preferia ficar em Jerusalém na boa vida, tinha obtido os favores da mulher de Urias, empenhado na batalha contra os Amonitas (2 Sm 11,1). Chamado Urias a Jerusalém, o rei David tenta atribuir-lhe a paternidade da criança que Betsabé esperava. Mas Urias, cornudo mas não estúpido, nega-se a “*lavar os pés*” e a David não lhe resta mais nada do que assassiná-lo. (2 Sm 11,14-17).

Um exemplo claro de como uma expressão só é compreensível se inserida no seu contexto cultural, encontramos-lo no Baptismo de Jesus. João anuncia a chegada de Jesus, como aquele do qual não é “*digno de desatar a correia das sandálias*” (Jo 1,27).

Na cultura ocidental, a expressão pode parecer um acto de humildade por parte de João Baptista. Na realidade o significado é bem mais profundo. A fórmula “*desatar a correia das sandálias*” faz parte das normas jurídicas que regulavam o matrimónio hebraico e referem-se à lei do *Levirato* (do latim *levir*, cunhado), instituição que tinha por finalidade salvaguardar a descendência do clã familiar (Dt 25,5-10). Quando uma mulher enviuvava sem filhos, o cunhado tinha a obrigação de a engravidar (Gn 38). A criança nascida teria o nome do marido falecido.

Se o cunhado recusasse, aquele que juridicamente o seguia, assumia o seu direito de engravidar a viúva através da cerimónia do “*descalçar*” que consistia em tirar a sandália do pé do que tinha esse direito (Rt 4,7-8). A recusa era considerada uma grande desonra e “*a sua família era chamada a família do descalçado*”. Conhecendo este costume cultural, a expressão utilizada por João Baptista insere-se na simbologia hebraica da aliança “*matrimonial*” entre Deus-esposo e Israel-esposa (Os 2). João Baptista que o povo pensava ser o Messias esperado (Jo 1,19-20), afirma que o direito de fecundar Israel não lhe pertence; não é ele o esposo, mas Jesus: “*Ele é que deve crescer e eu diminuir*” (Jo 3,29-30).

COSMOS

O escasso conhecimento, seja da linguagem seja da cosmologia do mundo hebraico, conduziu, no passado, a alguns desvios da doutrina de Jesus. Assim, o “*reino dos céus*” foi entendido como sendo “*do lado de lá*”: um reino “*nos céus*”. A contrapartida à bem-aventurança da pobreza foi interpretada como a celeste consolação de um lugar no paraíso: “*porque deles é o reino dos céus*” (Mt 5,3), mas a expressão “*reino dos céus*”, que se encontra unicamente no evangelho de Mateus, não indica o lado de lá, mas a actividade de Deus para com os seus filhos, concebida como a do rei ideal que se preocupa com os pobres e com todos os desprotegidos. “*Céu*” é simplesmente uma substituição da palavra “*Deus*” como se usa também em italiano quando se diz “*grazie al cielo*”...

O “*sol*” e a “*lua*” são utilizados pelos evangelistas como imagem das religiões pagãs que divinizavam estes astros. E as “*estrelas*” representam os impérios pagãos que fundavam o seu poder sobre estas divindades.

O anúncio de Jesus de que “*o Sol vai escurecer-se e a Lua não dará a sua claridade,* ²⁵*as estrelas cairão do céu e as forças que estão no céu serão abaladas* (Mc 13,24-25), não fala de um desastre cósmico ou do fim do mundo, mas, pelo contrário, do início de um tempo positivo: a “*luz*” do verdadeiro rosto de Deus fará obscurecer as falsas divindades “*(sol/lua)*” e quantos sobre elas assentam o seu poder. Os “*(astros)* começarão a cair um depois do outro. É uma mensagem de libertação e não de destruição.

NÚMEROS

Na maneira de falar muitas vezes as imagens se ilustram com números: o copo que se parte desfaz-se em *mil* pedaços; repetem-se as coisas *mil* vezes; vão-se dar *dois* passos; fala-se de *terceiro* mundo; estavam lá *quatro* gatos; disse-o aos *quatro* ventos...

Também na Bíblia os números, muitas vezes, não tem valor aritmético mas quase sempre figurado. Desde as primeiras páginas da Bíblia encontram-se cifras com valor simbólico, desde os *sete* dias da criação (Gn 2,2) à idade dos patriarcas: Matusalém chegou à idade de 969 anos; Adão a 930 e Noé que foi pai aos 500 anos viveu até 950. Depois, o Criador zanga-se com a humanidade e fixa para todos a idade de 120 anos (Gn 6,3).

Também nos evangelhos os números têm valor figurado. O número *três* significa *completamente*. Pedro renegará Jesus *três* vezes (Mt 26,34) e quando Jesus anuncia que ressuscitará ao *terceiro dia* (Mt 16,21) não está a

dar orientações para o tríduo pascal, mas assegura que voltará à vida de forma definitiva com a completa vitória sobre a morte.

O número *sete* significa *Tudo/perfeição*: no episódio da multiplicação dos pães, Jesus convida a partilhar tudo o que os discípulos têm - *cinco* pães e *dois* peixes = *sete* (Mt 14,13-21); *oito* é a vida eterna, *doze*, Israel, *quarenta*, uma geração, *cinquenta* designa a acção do Espírito Santo (Pentecostes), e *setenta*, o número conhecido de nações pagãs.

COMO LER O EVANGELHO

I - DESCONFIAR DOS TÍTULOS

Os títulos não pertencem ao texto. Foram lá colocados pelo tradutor ou pelo editor. A maior parte das vezes são errados, por ignorância ou, muitas vezes, por incompetência.

Um título é muito importante. É como uma chave de leitura que orienta o leitor à compreensão do texto. Vejamos alguns exemplos a nosso parecer completamente errados tirados da “Bíblia de Jerusalém”:

A serpente de bronze

Diz o texto: “*Moisés fez uma serpente de **cobre** e colocou-a sobre um poste ...*” (Nm 21,9)

Dois milagres de Eliseu

Por “*milagre*” entende-se, normalmente, um prodígio extraordinário a benefício de uma pessoa. Parece que o redactor deste livro tinha ideias diferentes. Vejamos a história: Eliseu, o profeta, é careca e susceptível. “*Enquanto caminhava, saíram da cidade alguns rapazitos, que se puseram a zombar dele, dizendo: «Sobe, careca! Sobe, careca!»*”²⁴ Eliseu virou-se para trás, viu-os e amaldiçoou-os em nome do Senhor. Imediatamente saíram da floresta dois ursos e despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes. (2 Rs 2,23-25).

Ainda bem que lhe chama “*milagre*”!... Imaginemos o que teria sucedido se fossem maldições... teria enviado toda a cidade para o inferno?

Primeira multiplicação dos pães

(Mc 6,30-44) Examinado o texto com atenção, apercebe-se logo que não existe o termo **multiplicação**, mas o conflito de duas mentalidades: a dos discípulos que pensam resolver o problema da fome com **comprar** e a de Jesus que lhes diz **dar**. Não se trata de um gesto de magia de Jesus, mas – se realmente queremos falar de milagre – o de ter convencido os discípulos a dar, ou seja, a partilhar tudo o que têm (5+2=7: a totalidade) resolvendo assim o problema da fome.

O rico mau e o pobre Lázaro

(Lc 16,19-31)

Que Lázaro fosse pobre, Lucas di-lo claramente: “Um pobre, chamado Lázaro, jazia junto ao seu portão, coberto de chagas. Bem desejava ele saciar-se com o que caía da mesa do rico; mas eram os cães que vinham lambe-lhe as chagas.” Mas acerca da maldade do rico que o redactor quis inserir no texto, não existe nenhuma indicação. No texto não aparece um rico mau dando a entender que os outros sejam bons... o rico da parábola não é descrito como sendo mau. Não bate no pobre nem o insulta... o rico é severamente condenado por Jesus, não por ser mau em relação ao pobre, mas porque nem sequer se apercebe da sua existência! O pobre não tinha espaço no seu estilo de vida marcada por hábitos adquiridos de bons restaurantes e roupa de marca, sem se aperceber da miséria à sua volta...

Parábola do bom Samaritano

(Lc 10,29-37)

Ter acrescentado o adjectivo “*bom*” a Samaritano enfraquece o pensamento de Jesus. Não se trata de um *bom* Samaritano como se os outros fossem peste a evitar... o protagonista positivo é simplesmente um samaritano, ou seja, o herético, o endemoninhado é melhor do que o sacerdote.

A purificação do templo

ou **A expulsão dos comerciantes do templo**

(Jo 2,19ss)

Trata-se de uma purificação para, depois, voltar a usar o templo ou, como diz o texto, de uma “*eliminação*” do lugar de culto não mais necessário com a presença de Jesus? Jesus não expulsa só os comerciantes (os que vendiam) mas também os que compravam.

RETIRAR TUDO AQUILO QUE PENSAMOS ESTAR NO EVANGELHO

É preciso ler o evangelho tendo atenção ao que o texto diz e não interpretando-o segundo o que pensamos saber do texto. Muitas vezes existe uma pré-compreensão que deforma e distorce o texto. Acontece que lemos um trecho modificando-o segundo aquilo que pensamos conhecer desse episódio. Pode até ler-se dezenas de vezes a paixão e estar seguros de que Jesus cai três vezes, ou que Jesus nasceu numa gruta onde havia um burro e um boi ... e que, na Transfiguração, Jesus levantou-se da terra ... como tão bem a pintou Rafael!

Lê-se no evangelho de Lucas que Maria, depois da anunciação do anjo, foi visitar Isabel que o evangelista diz ser *familiar*, mas interpreta-se como se fosse *prima*.

E assim, mesmo não estando no texto, coloca-se o nascimento de Jesus num curral, ou numa gruta, e que estavam lá um burro e uma vaca. Os magos do oriente transformam-se em três reis. A pecadora anónima que unge os pés de Jesus e os beija transforma-se em Maria Madalena; Jesus levando a cruz, cai três vezes e encontra sua mãe e a Verónica, e o calvário torna-se um monte.

Torna-se fácil confundir dados de folclore, de tradição e de piedosas práticas devocionais com a narração dos evangelhos.

Evangelhos para analfabetos

Coloca-se uma interrogação: os evangelhos são assim tão difíceis de interpretar? Não foram escritos numa linguagem acessível a todos? É mesmo isso!... Os evangelhos não foram escritos para serem *lidos* individualmente, mas escutados colectivamente porque a maioria dos primeiros cristãos eram analfabetos (Act 4,13)

Os evangelistas, grandes escritores e profundos teólogos das comunidades cristãs, transmitiam os seus escritos a outras comunidades onde o *leitor*, pessoa de cultura escolhida para isso (Ap 1,3), não se limitava a ler o texto, mas interpretava-o e explicava-o ao povo.

Num passo particularmente difícil do evangelho de Marcos, o autor faz expressamente a advertência: “*Que o leitor faça atenção*” (Mc 13,14).

Naturalmente, para viver a mensagem de Jesus, mesmo uma leitura não aprofundada dos evangelhos é suficiente. Expressões como: “*Amai os vossos inimigos; fazei bem a quem vos odeia; abençoai os que vos amaldiçoam; rezai pelos que vos maltratam*” (Lc 13,14), não precisam de muita explicação quanto à prática.

Mas se quisermos conhecer “*a largura, o comprimento, a altura e a profundidade*” (Ef 3,18) do amor do Pai contido na Escritura, é necessário um trabalho de investigação porque os evangelistas não apresentam uma *cro-no-história* daquilo que Jesus fez, mas uma teologia do que a comunidade pode fazer. Não uma “vida” de Jesus, mas o seu significado na vida da comunidade. Não factos extraordinários para suscitar a maravilha do leitor, mas convites a continuar a obra de Jesus (Jo 14,12)

O TRÍPTICO

(Mc 11,12-25; 12,38-13,2)

Para a compreensão dos evangelhos é importante conhecer particulares técnicas literárias com que os mesmos foram compostos, se não os episódios narrados tornam-se incompreensíveis ou até desnaturados.

Para a elaboração do texto, os evangelistas utilizam esquemas e estruturas com regras bem precisas na arte da escritura e habituais na sua cultura. Uma das estruturas narrativas usada muitas vezes nos evangelhos é a do “tríptico”.

Na arte, por tríptico entende-se uma pintura composta por um quadro central e dois mais pequenos, laterais. O que se pinta nos laterais não tem sentido sem referência ao que está pintado no central.

A figueira e o covil dos piratas

Começámos com o episódio da *figueira* culpada de não ter frutos na estação que não era de figos (Mc 11,12-14. 20-22) e terminamos com o mesmo.

O trecho da maldição da figueira, construído segundo o esquema do tríptico faz parte dos dois quadros laterais que são compreensíveis só em relação ao quadro central que é a da entrada de Jesus no templo de Jerusalém (Mc 11,15-19).

Na primeira parte do tríptico (Mc 11,12-14), o evangelista escreve que Jesus, indo à procura de fruta numa figueira, “*não encontrou senão folhas*”. A árvore engana: o seu esplendor exterior esconde a total esterilidade. O motivo da falta de frutos, sublinhado pelo evangelista com a expressão

“*não era tempo de figos*”, liga o episódio à primeira palavra pronunciada por Jesus neste evangelho: “*Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho*” (Mc 1,15).

A figueira e a videira eram as plantas com que Israel era representado: “*A figueira é a casa de Israel*” (Apoc, Pedro, 2; 1 Rs 5,5; Os 9,10). Deus tinha estabelecido um pacto com Israel: se o povo praticasse os seus ensinamentos, Ele o teria protegido e os hebreus, com uma vida resplandecente de justiça e santidade, teriam mostrado aos povos vizinhos que o Deus de Israel era o verdadeiro Deus (Dt 6-79).

Mas a infidelidade do povo fez com que sendo Israel igual às nações pagãs quanto a opressão e violência, a sua posição fosse ainda mais grave porque a injustiça era praticada em nome do verdadeiro Deus.

Jesus, tendo vindo pedir contas dos frutos desta aliança, constata que Israel se tinha transformado num bordel de injustiças e perversidade, onde “*até o profeta e o sacerdote se tornaram ímpios, e até no meu templo encontrei as suas perversidades*” (Ger 23,11). O “*tempo*” não tinha sido de frutos, tornando vãs todas as atenções do Senhor para com o seu povo como amargamente constatarão os profetas:

*“Deus esperou que lhe desse boas uvas,
mas ela só produziu agraços.
Esperou deles a justiça,
e eis que só há injustiça;
esperou a rectidão
e eis que só há lamentações”.* (Is 5,2.7).

Por isso Jesus declara a aliança terminada porque, como a figueira sem fruta ela é inútil. Na outra tábuia, ou quadro do tríptico (Mc 11,20-21), está a confirmação de quanto Jesus anunciou: “*a figueira secou desde a raiz*”. No centro destes dois episódios da figueira, o evangelista coloca a incursão de Jesus no templo (Mc 11,15-19). O episódio é conhecido como a “*expulsão dos comerciantes do templo*”, mas Jesus não expulsou só os que vendiam, expulsou também os compradores (“*começou a expulsar os que vendiam e compravam*”). A acção de Jesus não foi para purificar o templo mas para abolir o culto. Por isso atira-se contra o mercado sagrado e impede a passagem dos objectos necessários ao culto.

Eliminando as ofertas, Jesus ataca a nascente da vitalidade do templo que, como a figueira sem a seiva vital, “*secou desde a raiz*”.

Na imagem da figueira estéril, o evangelista representa o templo, símbolo da instituição religiosa que, com todo o seu esplendor de edifícios sagrados, cerimónias sagradas, paramentos sacros e objectos sagrados, esconde a total ausência de Deus.

P. Alberto Maggi OSM

(Director do: Centro Studi Biblici “G. Vannucci” - Italia

(Traduzido por P. Rocha com a colaboração de José Louvado)